



AMIZADE EM TEMPOS ATRIBULADOS: CORRESPONDÊNCIA ENTRE ERICO VERISSIMO E JAMES FEIBLEMAN

Carlos Cortez Minchillo

Dartmouth College

RESUMO: Este artigo examina a correspondência de Erico Verissimo, com foco especial nas cartas trocadas com o filósofo norte-americano James Feibleman, a fim de compreender como o escritor gaúcho articulou sua atuação literária, intelectual e ética em um contexto interamericano de circulação de ideias. Ao analisar usos e funções da escrita epistolar tanto na obra ficcional quanto na prática cotidiana de Verissimo, o estudo mostra que as cartas constituem um espaço privilegiado de construção de sociabilidade, negociação de identidades autorais e reflexão crítica sobre estética, política e vida intelectual no século XX. A partir desse conjunto epistolar, argumenta-se que a escrita de cartas funciona como testemunho de uma consciência ética, democrática e cosmopolita, ao mesmo tempo em que ilumina aspectos fundamentais da obra e da trajetória pública de Erico Verissimo.

PALAVRAS-CHAVE: Erico Verissimo, James Feibleman; Cartas, Redes intelectuais transnacionais

ABSTRACT: This article examines the correspondence of Brazilian writer Erico Verissimo, with particular attention to his letters exchanged with American philosopher James Feibleman, in order to explore how Verissimo articulated his literary, intellectual, and ethical engagement within an inter-American network of cultural exchange. By analyzing the functions and meanings of epistolary writing in both Verissimo's fiction and his everyday practice, the study argues that letters served as a privileged space for building sociability, negotiating authorial identity, and reflecting on aesthetic, political, and intellectual debates of the twentieth century. Drawing on this epistolary corpus, the article shows how letter-writing embodies Verissimo's ethical, democratic, and cosmopolitan orientation while shedding light on essential dimensions of his literary work and his public role as an intellectual.

KEYWORDS: Erico Verissimo; James Feibleman; Letters; Transnational intellectual networks

Escritas em português e inglês, e remetidas a tão variados destinatários no Brasil e nos Estados Unidos, as cartas de Erico Verissimo deixam entrever que o autor da substanciosa saga da história do Rio Grande do Sul, tendo registrado na ficção tanto a capital como a pequena cidade do seu estado, pisava firme em solo gaúcho para pensar grandes questões humanas e o lugar dos escritores no século XX. Admirador da primavera e outono de sua cidade, Erico, ao contrário de muitos escritores “de província”, nunca trocou Porto Alegre por outra cidade brasileira, mas teve a oportunidade de viver e trabalhar nos Estados Unidos nas décadas de 1940 e 50, quando lecionou na Califórnia, apresentou centenas de palestras em todas as regiões norte-americanas e foi Diretor de Assuntos Culturais na União Pan-Americana. Ademais, por sua atuação como editor e tradutor e sendo àquela época dos poucos autores brasileiros vivos traduzidos, Erico entendeu antes que muitos as conexões culturais e políticas de um mundo – e de uma literatura – de constantes contatos globais. Sua obra sempre dialogou com modelos estrangeiros — fato reconhecido pelo próprio autor e amplamente apontado pela crítica. Em *Fantoches*, haveria ecos de Pirandello (Grieco, 1932); em *Clarissa*, a influência de Rosamond Lehmann e Francis Jammes (Verissimo, 2005, p. 15); *Caminhos Cruzados* deveria muito a Aldous Huxley, mas também tinha algo de André Gide, John Dos Passos e Somerset Maugham (Barret, 1951, p. 34); *O Resto é Silêncio*, por sua vez, manteria pontos de contato com Thornton Wilder (Moser, 1976, p. 345). Além disso, Erico foi um dos primeiros escritores brasileiros a ambientar romances em território estrangeiro. O início de *Saga* situa-se na Espanha da Guerra Civil, *O Senhor Embaixador* em uma república latino-americana e *O Prisioneiro* no sudeste asiático. Essa abertura transnacional também se manifesta por meio da rede de sociabilidade que por décadas conectou Erico Verissimo a escritores e intelectuais de fora do país e que se susteve, em grande medida, à distância, por meio da troca de cartas. Daí a relevância de se analisar o intercâmbio de afetos e ideias na correspondência que o escritor manteve com homens de letras fora do Brasil, entre eles o filósofo James Feibleman¹.

¹ Erico Verissimo manteve duradoura correspondência com outros norte-americanos, como por exemplo, o escritor John dos Passos, o tradutor Ralph Dimmick e o editor Alfred Knopf.

Erico e as cartas

É notável na obra Erico Verissimo a afeição do autor gaúcho pelas chamadas *escritas de si*. Não apenas porque Erico publicou livros de memórias e escreveu relatos de viagem, mas porque suas tramas ficcionais são em várias oportunidades pontuadas de cartas e diários. Erico não escreveu narrativas propriamente epistolares, mas já em seu primeiro romance, *Clarissa*, a personagem homônima mantém correspondência com familiares e, em *Música ao Longe*, a mesma Clarissa registra seu cotidiano em um diário. Significativa parte de *Saga* assume igualmente a forma de diário, que ressurge como dispositivo narrativo no episódio “Do diário de Silvia”, em *O Arquipélago*. As cartas reaparecem entretecidas à estrutura narrativa em *O Resto é Silêncio*, *Caminhos Cruzados*, *Olhai os Lírios do Campo*, *O Senhor Embaixador*, *Acidente em Antares* e *O Prisioneiro*.

Mesmo em *A Volta do Gato Preto*, relato autobiográfico da segunda viagem de Erico Verissimo aos Estados Unidos, o narrador insere, curiosamente, uma segunda camada de escritos pessoais, sob o formato de cartas e entrevistas fictícias. Além da “Carta a uma jovem brasileira”, em que o narrador responde a uma suposta jovem que teria pedido que “lhe fal[asse] de artistas de cinema”, há no livro cartas endereçadas a Fernanda, Vasco e ao Professor Clarimundo, personagens de romances de Erico que, trazidos do universo da ficção, transformam-se em destinatários a que se dirigem reflexões sobre o mundo contemporâneo de então, como por exemplo, o impacto e os desdobramentos do bombardeamento atômico de Hiroshima.

A inclusão desses gêneros textuais de caráter íntimo assume funções diversas, específicas a cada obra: de modo geral, são recursos que, do ponto de vista do estilo, imprimem movimento à estrutura narrativa, permitindo a alteração de tonalidades discursivas e a diversidade de registros verbais. Possibilitam ainda a multiplicação de pontos de vista e a sondagem da vida íntima das personagens². Gostaria de ressaltar, no entanto, que as cartas pessoais, dentro e fora do universo ficcional de Erico Verissimo, permitem sobretudo que se expresse um traço de caráter que era caro tanto ao homem quanto ao contador de histórias: a atitude informal, avessa a protocolos e empostação,

² Para um estudo interpretativo das funções das cartas na obra ficcional de Erico Verissimo, ver Alves, 2015.

que, em toada de conversa, promove uma atmosfera de camaradagem e proximidade afetiva – e muitas vezes brincalhona. Em carta ao escritor John dos Passos, Erico relembra que certa feita um repórter lhe pedira que elencasse as coisas de que ele mais gostava e as coisas de que gostava menos. “Entre as últimas” – ele escreve – “eu mencionei ‘pessoas formais’” (Verissimo, 24 set. 1959).

A informalidade da correspondência, evidentemente, deve ser entendida com ressalvas. Como lembra José-Luis Díaz, todo escritor elabora um escritor imaginário para si e para os outros, ou seja, “assume um papel, veste uma túnica, escolhe suas insígnias”, em acordo com – ou em contraposição a – imagens que a sociedade e ele mesmo cria do “homem de letras” e de suas funções (Díaz, 2007, p. 20). Ou seja, ao longo de sua vida privada e de sua carreira pública, o escritor “ensaia identidades” e, nesse sentido, qualquer escrita, inclusive a de textos de natureza pessoal, confessional e memorialista, é perpassada por uma intencionalidade que Díaz conceitualiza como *cenografia autoral*.

De qualquer maneira, caracterizada pela justaposição de assuntos e uma textualidade porosa ao improvisado, afeita ao correr da pena e ao sabor da hora, a correspondência oferece, segundo Díaz, “acesso a uma verdade mais despojada” (Amossy e Maingueneau, 2009, p. 10). Na mesma direção, Maria da Glória Bordini entende que a correspondência é “uma das formas de expressão escrita das mais espontâneas [...] pois não vem cuidada como o original de um livro” (Bordini, 2021, p. 9). A realidade das cartas, para Ian Watt, “revela as tendências subjetivas e privadas do autor com relação ao destinatário e às pessoas mencionadas [nas cartas], bem como seu próprio íntimo” (Watt, 2010, p. 202). Há que se notar ainda que, caso se aceite que há “verdade” na correspondência, o seu estudo é, todavia, permeado pela subjetividade do pesquisador, esse leitor bisbilhoteiro cujos pressupostos e intenções atravessam a busca por e em documentos deixados por escritores. Impulsionada tanto pela curiosidade intelectual e necessidade de embasamento documental, como por certa dose de voyerismo, a pesquisa em arquivos literários empresta à correspondência uma segunda existência, para além de seu contexto original de comunicação entre remetente e destinatário. Desta maneira, “os textos autobiográficos [*of self-writing*], publicados ou inéditos, integrais ou fragmentários, são objeto de investigação em movimento – não fenômenos transparentes ou estáveis que produzem ‘verdade’, mas espaços dinâmicos

abertos à interpretação ao longo de sua sobrevida textual” (Smith e Watson, 2020, p. 11).

Missivista contumaz, *malgré soi*?

Em *O Continente*, primeiro volume de *o Tempo e o Vento*, o narrador comenta que Ana Terra “sempre achava bonito uma pessoa receber uma carta”. Maneco Terra, seu pai, então retruca: “Passo muito bem sem essas cousas [...]. Carta não engorda ninguém” (Verissimo, 2004, p. 125). A tirada é cortante e contribui para configurar a personalidade “pé no chão” de Maneco, mas qual seria a opinião de Erico Verissimo sobre a troca de cartas? Prolífico missivista, Verissimo deixou significativo rastro epistolar, ainda que seguidas vezes o escritor se queixasse da falta de tempo para dar conta de todas suas tarefas, lamentando que manter a correspondência roubava-lhe tempo da produção literária. Erico também se culpava por atrasar em responder às cartas que recebia e reiteradas vezes se confessou um “péssimo correspondente” (Verissimo, 20 dez. 1946). Chegou mesmo a desabafar que “detestava escrever cartas – mesmo em Português” (Verissimo, 13 jan. 1950).

De todo modo, pelo grande volume do que foi conservado de sua correspondência, é evidente sua dedicação às cartas pessoais. Elas parecem ter constituído para Erico, na impossibilidade dos encontros presenciais, um espaço não só de convivialidade amistosa, mas um foro privilegiado para debater ideias estéticas e políticas, compartilhar projetos literários, métodos de trabalho e preferências artísticas, expressar dúvidas éticas e existenciais e, em lances de autoanálise e autocrítica, frequentemente temperados pelo humor, comentar traços de sua personalidade.

Digno de nota é que Erico Verissimo não apenas tenha escrito e recebido cartas, mas tenha conservado um vasto – ainda que necessariamente lacunar³ – epistolário ativo e passivo. Jacques Derrida afirma que o arquivo é uma questão de responsabilidade com

³ Philippe Artières comenta o caráter descontínuo e lacunar dos arquivos pessoais, afirmando que conservamos uma parte ínfima dos vestígios de nossas vidas: “Por quê? Primeiro, porque a perda é induzida por certas práticas (a correspondência, por exemplo, é por natureza uma escrita perdida). Depois, porque dessa vida de todo dia, retemos apenas alguns elementos (um diário íntimo, por exemplo, é por definição uma seleção e não é jamais exaustivo). Enfim, porque fazemos triagens nos nossos papéis: guardamos alguns, jogamos fora outros; damos arrumações quando nos mudamos, antes de sairmos de férias. E quando não o fazemos, outros se encarregam de limpar as gavetas por nós. Essas triagens são guiadas por intenções sucessivas e às vezes contraditórias” (1998, p. 10).

o futuro (Derrida, 1995, p. 27) e, de fato, os escritores de meados do século XX pareciam comprometidos a documentar para a posteridade sua atividade como criadores literários e como intelectuais públicos, denotando aguda consciência do papel cultural, político e social que o homem de letras de seu tempo poderia (ou deveria) desempenhar. Por um lado, a efervescência das vanguardas da primeira metade do século XX, a consciente renovação dos recursos expressivos, o experimentalismo com as linguagens e suportes artísticos, a tomada de consciência de uma cultura nacional plural e complexa convidava os escritores e artistas à reflexão e ao debate. De outro, a sucessão de crises que vai da Guerra Civil Espanhola e o Holocausto à Guerra Fria expôs formas extremas de violência e desumanização e aprofundou a polarização entre fascismo e direitos humanos, totalitarismo e democracia. Essa conjuntura sociopolítica, marcada pelo uso sistemático de propaganda e censura pelos aparatos de estado, saturou a cultura de ideologia. Nesse cenário, o engajamento intelectual tornou-se quase inevitável: escritores e artistas viram-se compelidos a intervir nos debates públicos, como sugere a questão que em 1948 Sartre propunha ao escritor: “que aspecto do mundo você quer desvendar, que mudanças quer trazer ao mundo por esse desvendamento?” E completava: “o escritor ‘engajado’ sabe que a palavra é ação” (Sartre, 2004, p. 20) e, pode-se completar, a opção pelo silêncio igualmente. Décadas depois, ao escrever *O Prisioneiro*, Erico ainda mantinha viva essa postura do intelectual que não pode furtar-se a refletir sobre seu contexto histórico imediato: “compreendi há muito que não podia continuar sentado à sombra duma árvore, silencioso, vendo e sentindo o mundo e as dores do meu tempo através apenas de notícias de jornal” (Verissimo, 1970, contracapa).

Talvez por esses motivos, Erico Verissimo, assim como Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado, Graciliano Ramos, entre outros escritores mais ou menos de sua geração, tenha guardado parcela significativa de documentos pessoais que hoje ajudam a rastrear sua vida profissional e afetiva. Erico reteve um excepcional conjunto de cartas, esboços e manuscritos que se encontra hoje arquivado em seu acervo literário⁴. Complementam esse conjunto, documentos dispersos que estão alojados em vários arquivos dentro e fora do Brasil. No que se refere especificamente à farta correspondência, mais que possíveis “segredos guardados” ou

⁴ O acervo literário Erico Verissimo (ALEV) foi organizado originalmente pela professora Maria da Glória Bordini em Porto Alegre e hoje foi incorporado ao acervo de literatura do Instituto Moreira Salles do Rio de Janeiro.

profundas rupturas, o que se colhe da leitura de centenas de cartas pessoais de Verissimo são as continuidades, as redundâncias e discretas variações que oferecem contexto e textura aos pensamentos do escritor ao longo do tempo, sejam eles referentes ao fazer artístico ou a opiniões políticas, sociais e filosóficas. Consequentemente, o trabalho com os arquivos amplia possibilidades metodológicas de pesquisa e alarga o repertório crítico que orienta os estudos literários, jogando novas luzes, a partir de ângulos complementares, sobre carreira e a obra dos escritores. Pela recorrência de certos comentários – que muitas vezes se repetem ao longo de décadas –, pela manutenção de certos projetos, finalmente concretizados ou não, flagram-se nas cartas os valores humanos e artísticos mais fundamentais para Erico Verissimo, as forças motrizes que constituem o baixo-contínuo de sua fantasia e de sua consciência de artista e que acabaram encontrando expressão em suas obras ficcionais assim como embasaram as atitudes de Erico como intelectual público. Tal material revela também como seus valores, princípios, desejos e ambições se articulam – no caso de Erico, com grande coerência – aos vários momentos da vida pessoal. No todo, desponta a imagem de alguém que aplica uma boa dose de humanidade, respeito e bom humor nas relações com a família e amigos, e reserva para si uma autoironia muitas vezes cáustica que refreia a egolatria e sublinha uma relativa humildade que, pela agudeza das observações, paradoxalmente confirma a sua inteligência, o corte certo de sua escrita e o talento, tão evidente em sua literatura, para traçar perfis humanos variados e interessantíssimos.

Afinidades interamericanas

As cartas de Erico a James Feibleman permitem visualizar, ao longo da constituição paulatina de laços de amizade, as linhas mestras das formas pelas quais Erico se engajou na vida literária por meio de uma rede de sociabilidade internacional que foi capaz de criar e manter por décadas⁵. Feibleman foi um filósofo, matemático, ficcionista e poeta norte-americano, professor na Universidade de Tulane, autor de dezenas de obras, entre as quais *Theory of Human Culture* (1946), *An Introduction to*

⁵ Jean-François Sirinelli assinala o papel central das afinidades nas redes de sociabilidade entre intelectuais: “a simpatia e a amizade, por exemplo, e, ao contrário, a rivalidade e a hostilidade, o rancor e a inveja, a ruptura e a desavença desempenham como em toda microsociedade, um papel decisivo” (1986, p. 104).

Peirce's Philosophy (1946) e *The Institutions of Society* (1956). Nascido em 1904, um ano antes de Verissimo, teve uma vida mais longa que o escritor gaúcho, falecendo em 1997. Os dois se encontraram poucas vezes – possivelmente apenas mais uma depois da primeira oportunidade, em 1941, quando Erico fazia sua viagem aos Estados Unidos, sob o patrocínio do Departamento de Estado norte-americano. Nesse tour, Erico manteve contato com várias personalidades literárias, como Thomas Man, Aldous Huxley e W. Somerset Maugham. Em *Gato Preto em Campo de Neve*, o relato dessa trajetória de três meses, esses vários encontros são descritos em detalhes, predominantemente sob a forma de perguntas e respostas que simulam uma conversa entremeada de comentários do Erico-narrador. Tais passagens do livro dão a impressão de que Erico preparava-se para essas ocasiões como um repórter para uma entrevista, seguindo uma espécie de roteiro que lhe permitisse tocar em assuntos que pretendia trazer à tona para seus leitores. Pode-se supor com segurança que o autor da narrativa de viagens impôs aos diálogos efetivamente travados uma seleção e edição que lhes conferiu síntese e organicidade, favorecendo a legibilidade e jogando luz nas discussões consideradas relevantes. Aliás, Érico explica que, para transformar o fato da realidade em uma escrita fidedigna, o escritor usa de recursos que vão além da memória e da transcrição literal do acontecimento. Em relação ao capítulo que dedica ao encontro com James Feibleman, Erico adverte o próprio Feibleman: “A fim de ser fiel a suas ideias e perspectivas, eu tomei a liberdade de usar suas próprias palavras daquele formidável ensaio seu, ‘The Role of Philosophy in a Time of Troubles’ ” (Verissimo, 4 dez. 1941).

Segundo está registrado em *Gato Preto*, Erico conheceu Feibleman em uma reunião de escritores e artistas em New Orleans e, no dia seguinte, eles se reencontram em um almoço⁶. No capítulo dedicado a Feibleman, o filósofo é descrito como “um homem alto, de olhos escuros e expressão um pouco triste” (Verissimo, 2006, p. 314). A conversa entre ambos mistura “filosofia com ostras à Rockefeller, pratos crioulos com pragmatismo” (p. 318). Apesar dessa tirada irônica, o capítulo transpira um tom sério e gira em torno de questões como a percepção estereotipada que os latino-americanos têm dos Estados Unidos, o conflito bélico na Europa, o combate às “forças da agressão

⁶ Em ao menos um desses eventos, a esposa de Feibleman deve ter estado presente, uma vez que em sua primeira carta ao filósofo, Erico manda lembranças à “sua [de Feibleman] encantadora esposa” (Verissimo, 29 maio 1941).

e do obscurantismo” (p. 315), as ideias de Charles Pierce e o papel da filosofia em tempos “tormentosos” (p. 319). Não à toa, o narrador a certa altura comenta que entre eles fez-se um silêncio em que eles mastigavam “um tanto melancólicos as famosas comidas do [restaurante] Galatorie” (p. 315). O interesse por examinar a vida social e política por meio de uma perspectiva filosófica parece ter, de imediato, promovido uma ligação intelectual entre Verissimo e Feibleman: “É pena que nos tenhamos encontrado só hoje, no dia mesmo que o senhor embarca. Tínhamos tanta coisa que conversar...”, diz Feibleman ao despedir-se. Ao que Erico responde, agradecendo: “Devo-lhe muitas coisas. Entre elas, o conhecimento de Charles Peirce... e uma hora de palestra que dificilmente hei de me esquecer” (p. 319). Protocolos à parte, esses acenos apontam para uma amizade epistolar que aos poucos foi se consolidando.

A correspondência entre James Feibleman e Erico Verissimo não tarda para começar e revela desde o início um intercâmbio de ideias, informações e materiais que se prolongará por uma década e meia⁷. Já em abril daquele mesmo 1941, por volta de um mês depois do retorno de Erico ao Brasil, Feibleman escreve que, desde o almoço em New Orleans, ele esteve pensando em livros norte-americanos que “deveriam aparecer em português” (Feibleman, 24 abril 1941). Compartilha na sequência uma lista de dez livros de ficção e quatro obras de não-ficção⁸. Conclui a carta pedindo a Erico que faça, para ele e para dois conhecidos seus, subscrições de *Província*. Informa também que havia enviado para Erico textos de sua autoria que tinham interesse potencial para serem publicados naquela revista. Quando da publicação de *Crossroads* nos Estados Unidos, Feibleman informa que pretendia escrever uma resenha do livro para o *New Orleans Times-Picayune* (Feibleman, 27 jan. 1942). Em contrapartida, Erico várias vezes expressa o desejo de publicar no Brasil obras de Feibleman, que, por sua vez, envia trabalhos de Erico para conhecidos que possam ler as obras e escrever resenhas. Erico também relata que, sempre que podia, mencionava a obra de Feibleman

⁷ A correspondência disponível é composta de 64 cartas do filósofo de New Orleans e 37 cartas do escritor gaúcho, cobrindo um período entre abril de 1941 e abril de 1956. Dada a amizade que se estabeleceu entre James Feibleman e Erico Verissimo, e tendo o escritor gaúcho vivido quase duas décadas para além dessa última data, é curioso que não se encontrem nos arquivos pesquisados cartas posteriores a 1956.

⁸ A lista se compõe de *Leaves of Grass*, de Whitman, *Poems*, de Edgar Allan Poe, *Moby Dick*, de Melville, *Huckleberry Finn*, de Twain, *The Scarlet Letter*, de Nathaniel Hawthorne, *Mourning Becomes Electra*, de O'Neill, *Winesburg, Ohio* e *A Story Teller's Story*, de Sherwood Andersen, *Roan Stallion and other Poems*, de Robinson Jeffers, *As I Lay Dying*, de William Faulkner, *Science and the Modern World*, de A. N. Whitehead, *Patterns of Culture*, de Ruth Benedict, *Selected Papers*, de Charles Sanders Peirce e *Flowering of New England*, de Van Wyck Brooks.

para que os brasileiros conhecessem as ideias do filósofo e quebrassem preconceitos sobre a produção intelectual nos Estados Unidos que, para muitos brasileiros se resumiria a banalidades comerciais. Essa dinâmica flagrada na troca de cartas de Erico e Feibleman revela o funcionamento e o valor das redes transnacionais de sociabilidade. Nunca é demais lembrar, Erico e Feibleman construíram suas carreiras em um mundo que desconhecia os recursos tecnológicos digitais que hoje permitem superar as barreiras espaciais e colocam os artistas e escritores em contato imediato tanto com seus pares quanto com uma ampla audiência global, favorecendo um trânsito constante de materiais, imagens e ideias e criando uma certa ubiquidade virtual. Antes disso, as cartas, ao seu modo e ao seu ritmo, desempenhavam um papel central na conexão e a cooperação entre intelectuais de diferentes países.

O tratamento adotado ao início da troca de cartas é, como se poderia esperar, formal: “Mr. Feibleman” e “Mr. Verissimo”. Um ano depois, eles estão se tratando apenas pelos nomes completos e, em 1943, por “Erico” e “Jimmy”. Já em sua primeira carta, porém, Erico deixa transparecer um tom afetivo ao explicar a Feibleman o sentido de “saúde”: “quando a ausência de um amigo é docemente dolorida para você é porque você está sob o efeito da saudade” (Verissimo, 29 maio 1941). Feibleman, por sua vez, reafirma, em carta de outubro de 1941, o prazer de ter conhecido Erico em sua passagem por New Orleans e manifesta a intenção de, com sua esposa, visitá-lo no Brasil, um projeto que será reiterado ao longo dos anos e que nunca pôde se concretizar. O tema de um possível e ansiado reencontro atravessa toda a correspondência e sublinha uma crescente relação de amizade, admiração mútua e cumplicidade intelectual. “Seu apreço por minhas ideias é uma das raras coisas que faz com que toda a tarefa da filosofia valha a pena”, escreve Feibleman (Feibleman, 16 de dezembro de 1941). Erico, por sua vez, revela a esperança de uma oportunidade para fazer ao filósofo “muitas perguntas” e “até mesmo pedir alguns conselhos”: “preciso confessar que você é um dos poucos amigos que tenho neste país [os Estados Unidos]” (Verissimo, 18 nov. 1944). Feibleman retribui: “[p]osso lhe dizer sem medo ou concessão que a nossa foi uma amizade à primeira vista, e que me magoaria perder contato” (Feibleman, 28 nov. 1944).

As afinidades entre os dois missivistas são muitas, indo do gosto pela música erudita e pela literatura, à confluência ideológica: “Minhas leituras de romances, curiosamente, correspondem de perto às suas, e meus sentimentos políticos são bastante

parecidos”, escreve Feibleman (Feibleman, 13 jan. 1947). De forma semelhante, Erico explicita as coincidências de pensamento entre ambos, concedendo uma certa vantagem do filósofo na maneira de exprimir-se:

Pois bem, li com verdadeiro prazer o seu *The Revival of Realism*. Gostei especialmente da sua análise dos métodos de Toynbee. Fiquei contente de ler, em um inglês claro e belo, aquilo que eu próprio pensara de modo vago e incompleto. [...] É curioso ver que, certa vez, discutindo o assunto com um colega escritor, usei quase as mesmas palavras que você a respeito da afirmação de Toynbee de que nenhuma organização baseada na força pode perdurar. (Verissimo, 30 dez. 1947).

Com a solidificação das relações amistosas, as cartas convertem-se em um espaço seguro, em que Erico e Feibleman sentem-se confortáveis para expor dúvidas, inseguranças e pontos fracos. Feibleman repetidas vezes reflete, envergonhado, sobre sua limitação com línguas estrangeiras, o que lhe parece surpreendente para alguém que lida com o intelecto e com linguagem e uma lástima já que o impedia de ler os textos de Erico em português, enquanto este podia com facilidade comentar os originais de Feibleman em inglês. Feibleman também se sente à vontade para confidenciar seu sentimento de solidão quando se separou de sua primeira esposa e confessa que as cartas de Erico se tornaram, por esse motivo, ainda mais preciosas. Das cartas de Erico emerge com alguma frequência a confissão de que enfrenta dificuldade ao lidar com pensamentos abstratos: “Sabe, eu não tenho uma mente filosófica, e acho muito difícil lidar com ideias abstratas. Essa incapacidade aumenta minha admiração por pessoas como você, que sentem um chão firme sob os pés quando entram no reino das ideias” (Verissimo, 30 nov. 1943). A esse sentimento de incapacidade, que correspondia bem à autoimagem de um “mero” contador de histórias que Erico ajudava a propagar, somava-se a uma avaliação rigorosa em relação à própria obra, especialmente no período anterior à publicação dos primeiros volumes de *O Tempo e o Vento*:

Até agora escrevi 8 romances. Ao relê-los, fico descontente. É claro que encontro nesses livros alguns bons capítulos, personagens e páginas. Mas nenhum deles me parece realmente bom como um todo. Há uma evidente falta de unidade na maioria deles. Mas, afinal, quando lembro das circunstâncias em que todos foram escritos, quase perdoo o autor... Hoje eu não tenho desculpa para escrever um livro ruim. (Verissimo 20 fev. 1945)

Quanto ao caráter, ambos se consideram pouco afeitos à vida social, especialmente quando uma agenda cheia de compromissos interrompe o trabalho

intelectual. Na campanha de lançamento do filme argentino baseado em *Olhai os Lírios do Campo*, Erico conta a Feibleman que acompanhou a equipe em uma tournée de 12 dias, durante a qual participou de “uma centena de banquetes, coquetéis, festas, recepções.” Ao final, Erico desabafa:

Eu sabia desde o início o que iria acontecer. Mas eu me forcei a me juntar à gangue porque eu vivo uma vida muito reclusa, a qual é ruim para qualquer escritor, especialmente um romancista. Preciso confessar que eu me senti muitas vezes cansado e enfadado. E mais de uma vez eu declarei ‘Eu quero ir dormir! Estou com sono!’ [...] E agora estou de volta a casa, na minha escrivaninha, diante de uma montanha de cartas que devo vencer antes de voltar com consciência tranqüila à terra encantada da ficção. (Verissimo, 30 dez. 1947).

Feibleman já havia abordado o assunto, quando considerou uma boa coisa que Erico não tenha se rendido às bajulações de Hollywood porque, no seu entendimento, a vida gregária seria algo que homens de letras deveriam se impor como uma obrigação que afastasse apenas temporariamente da escrita, mas que só se justificaria se resultasse em matéria para novos textos. Em carta posterior, Erico basicamente reproduz as palavras de Feibleman, o que sugere, uma vez mais, a afinidade de pensamento entre os dois: “um romancista tem que se juntar a pessoas, ver a vida como é, frequentar lugares, ter amigos (e inimigos também). Mas se ele se ocupar demais em viver ele não terá tempo de escrever” (Verissimo, 20 dez. 1946).

Métodos, princípios, ritmos e obstáculos de trabalho são constantemente compartilhados entre os dois amigos que, como fica evidente ao longo de sua correspondência, admiram reciprocamente a produção intelectual do outro. Ao comentar a boa recepção à obra de Feibleman em Nova York, Erico celebra que, em um tempo de tantos bestsellers medíocres, um *scholar* verdadeiro receba a atenção merecida da parte de uma audiência capacitada. E Feibleman, ao publicar seu primeiro romance, diz que espera ansioso a reação do brasileiro: “é o meu primeiro romance e você, meu amigo, é um romancista” (Feibleman, 30 de junho de 1948). A avaliação de Erico demorara a vir, provocando ansiedade em Feibleman:

Não tenho notícias suas desde o dia 30 de novembro. Se minhas piores suspeitas estiverem corretas, é porque você não gostou de *The Long Habit* e não quer ferir meus sentimentos me dizendo isso. Mas, meu caro amigo, se esse for o caso, por favor, não tenha receio de me contar. Não gostar de certas obras minhas não fará diferença alguma para mim, nem para nós, de nenhuma maneira. (Feibleman, 15 fev. 1949)

Quando Erico finalmente emite sua opinião em relação a *The Long Habit*, a resposta vem sincera e ponderada:

Li o seu romance, Jimmy, e gostei muito dele. Não foi amor à primeira vista, porém. As primeiras cinquenta páginas não foram de leitura fácil. Não quero dizer que fossem elaboradas ou herméticas. O que quero dizer é que levou algum tempo para eu realmente me interessar pela história e por seus personagens. Mas posso lhe assegurar que, pouco a pouco, seus personagens conquistam o leitor, e não é fácil esquecê-los. (Verissimo, 16 maio 1949)

Uma mesma concepção de romance é compartilhada. Ao comentar *Doutor Fausto*, Erico avalia que no livro de Thomas Mann há muitas ideais filosóficas e pouca narrativa. Em sua resposta, Feibleman concorda: “pode-se exigir de uma história sustente um bom carregamento de pensamento, mas de todo modo deve ser basicamente uma história, se for basicamente um romance” (Feibleman, 19 maio 1949).

Ambos os escritores adotam também uma perspectiva pragmática sobre a natureza do trabalho intelectual, aceitando sem subterfúgios o fato de que a escrita é para eles um ganha-pão. Quando publica seu livro sobre Charles Pierce, Feibleman destaca que a introdução de Bertrand Russel ajudará bastante em termos de prestígio e vendas. De modo semelhante, Feibleman comemora entusiasmado o sucesso de *O Tempo e o Vento*: “que coisa fantástica a combinação de prestígio e vendas” (Feibleman, 3 fev. 1950). Erico, como editor e autor *best-selling* entendia bem que a literatura se insere na lógica das trocas econômicas, de modo que se sentia confortável com o princípio de que escrever profissionalmente responde a diferentes demandas:

[...] não estou muito entusiasmado com a ideia de escrever para o cinema. Orgulho literário? Não. Eu poderia escrever apenas por dinheiro uma daquelas histórias que não acrescentam nada à sua boa reputação (se é que existe alguma), mas que também não o fazem corar. Acontece apenas que não estou com vontade de escrever agora. Não tenho absolutamente nenhuma ideia para roteiros. É só isso! (Verissimo, 27 jan. 1943)

As cartas revelam que Feibleman foi um árduo trabalhador, e a frequência, constância e escopo de sua produção são dignas de nota. Em 1947, ele declara que esperava escrever outros quinze ou vinte livros antes de interromper sua carreira e informa que sua obra sobre o sistema metafísico alcançaria mil páginas. Erico descreve um compasso de produção mais irregular. Nos períodos mais férteis, ele compartilhava sua animação e descrevia com pormenores seus projetos literários:

Tenho vivido, nos últimos seis meses, em um mundo criado por mim mesmo — uma cidade chamada Santa Fé, um lugar que nunca existiu de fato — e entre pessoas que nunca nasceram em carne e osso. Sim, estive totalmente absorvido na escrita do meu novo romance. Concluí a primeira parte, chamada *O Tempo e o Vento*. Ela tomou 1001 páginas e cobre um período de 150 anos, de 1745 a 1895. Agora estou me preparando para começar a segunda parte, cujo título é *Um Retrato em Tamanho Natural*. (Verissimo, 18 jun. 1948)

Entretanto, Erico queixava-se a Feibleman de fases em que não conseguia escrever, como, por exemplo, o período em que trabalhou intensamente na União Pan-Americana e os episódios em que esteve acamado. A indisponibilidade para a escrita podia vir também de momentos de puro desânimo. Em carta de 1951, Erico divide com Feibleman sua receita para vencer um desses períodos de baixa produção:

1950 foi um ano muito ruim para mim no que dizia respeito ao meu trabalho. Eu estava simplesmente entediado, *blasé*, sonolento; não me interessava nem por escrever nem por ler. Por quê? Não havia nada de errado com o meu corpo. Talvez o problema estivesse na minha mente. [...] Prescrevi a mim mesmo uma mudança completa de ambiente. O que eu precisava era romper a rotina diária, mudar de cenário e levar por algum tempo um tipo de vida diferente. Aluguei um apartamento em Torres, uma cidade litorânea a cerca de 200 milhas de onde moro, e fiquei lá durante três meses sem ler minha correspondência nem ouvir o telefone tocar. Em pouco tempo já estava disposto a escrever. E quando as ‘férias’ terminaram, eu tinha escrito 550 páginas do meu novo romance, que é uma continuação de *O Tempo e o Vento*. (Verissimo, 3 abril 1951)

Como o capítulo sobre James Feibleman em *Gato Preto em Campo de Neve*, mencionado acima, permite supor, despontam na correspondência em questão vários comentários sobre as tensões político-sociais e existenciais da época. Em sua autobiografia, Feibleman entende que o mundo seu contemporâneo estava imerso no caos e que as relações sociais haviam sido “quase inteiramente destroçadas” (Feibleman, 1969, p. 64). Erico compartilhava dessa percepção angustiada sobre a realidade de seu tempo, de modo que não espanta que se interessasse pelas ideias de Feibleman: “Eu gostaria de ouvir sua opinião sobre vários problemas do mundo” (Verissimo, 30 nov. 1943). Reafirmando seu compromisso de engajamento, Erico considera que a época não era apropriada para ser “brilhante ou agradável, mas para ser honesto e útil” (Verissimo, 20 jan. 1944). Ao longo dos anos, surgem comentários sobre regimes ditatoriais, censura, corrupção, comunismo. Ainda durante a Segunda Guerra Mundial, Feibleman aconselha Erico sobre voltar ou não ao Brasil considerando que, nacionalismos à parte, em tempos difíceis deve-se estar no próprio país. Não tanto pelos benefícios dessa escolha, mas em função da contribuição que se pode oferecer. Essa generosa atitude

seguramente tinha eco na postura ética de Erico Verissimo, pautada por uma visão de responsabilidade individual com a vida em uma sociedade democrática. Em certa ocasião, Erico agradece artigos que Feibleman lhe havia enviado e cuja visão sobre democracia teriam embasado a participação de Erico em uma mesa redonda. Na mesma carta, Erico afirma: “precisamos arrasar com o nazismo para que possamos construir um novo mundo com uma atmosfera boa o suficiente para que floresçam tudo o que é belo” (Verissimo, 19 dez. 1942). Anos mais tarde, Erico volta a consultar Feibleman sobre as controvérsias sobre a atitude política dos escritores e, revelando confiança no valor da obra do filósofo, escreve: “a melhor coisa que tenho a fazer é ler o seu *Christianity, Communism and the Ideal Society*” (Verissimo, 20 dez. 1946).

Os temas e preocupações intelectuais de Erico Verissimo e de James Feibleman traduzem um certo espírito daquela geração de homens de letras que viveram as duas guerras mundiais, a Guerra Fria, a luta pelos direitos civis nos Estados Unidos, a ditadura militar no Brasil e a Guerra do Vietnam. Não surpreendentemente, esse “time of troubles”, para invocar o título do livro de Feibleman, refletiu-se em suas obras e também na correspondência que mantiveram. Para além do possível interesse de promoção embutido nesse contato transnacional, as cartas entre o romancista brasileiro e o filósofo norte-americano deixam entrever, pelas frestas de uma bonita amizade, um conjunto de elementos que iluminam suas obras, suas personalidades e a dinâmica da vida intelectual em meados do século XX. Afinal, por mais solitário que seja o trabalho dos escritores, parece haver sempre aqueles com quem, pelas obscuras regras das afinidades eletivas, eles mentalmente estão em constante diálogo.

From where I am writing at
this moment I can see your picture on
top of my bookshelf.

Yours ever,

Erico



9

Referências

ALVES, Márcio Miranda. "Querida filha, queridos pais: o uso da carta na ficção de Erico Verissimo". *Letrônica*, v. 8, n. 1, p. 182-194, jan.-jun. 2015.

AMOSSY, Ruth; MAINGUENEAU, Dominique. "Autour des "scénographies auctoriales": entretien avec José-Luis Díaz". *Argumentation et Analyse du Discours*, [En ligne], n. 3, p. 2-14, 2009. URL: <http://aad.revues.org/678>.

ARTIÈRES, Philippe. "Arquivar a Própria Vida". *Estudos Históricos*, v. 11, n.21, p. 9-34, 1998.

BARRET, L. L. "Erico Verissimo's Idea of the Novel: Theory and Practice". *Hispania*, v. 34, n.1, p. 30-40, fev. 1951.

BORDINI, Maria da Glória. *Erico Verissimo: cartas da União Pan-Americana 1953-1958*. Rio de Janeiro: Makunaima, 2021.

DERRIDA, Jacques. "Archive Fever: A Freudian Impression". *Diacritics*, v. 25, n. 2, p. 9-63, Summer, 1995.

GRIECO, Agripino. "Agripino Grieco e o Livro Fantoches". *Revista do Globo*, Porto Alegre, 10 set. 1932.

DÍAZ, José-Luis. *L'écrivain imaginaire: Scénographies auctoriales à l'époque romantique*. Paris: Honoré Champion Éditeur, 2007.

FEIBLEMAN, James. [Carta] 24 abril 1941, para VERISSIMO, Erico. James K. Feibleman papers, 1929-1975, Box 96, Special Collections Research Center, Morris Library, Southern Illinois University Carbondale.

⁹ Trecho de carta de Erico Verissimo para James Feibleman de 12 de novembro de 1948.

FEIBLEMAN, James. [Carta] 16 dez. 1941 para VERISSIMO, Erico. James K. Feibleman papers, 1929-1975, Box 96, Special Collections Research Center, Morris Library, Southern Illinois University Carbondale.

FEIBLEMAN, James. [Carta] 27 jan. 1942 para VERISSIMO, Erico. James K. Feibleman papers, 1929-1975, Box 96, Special Collections Research Center, Morris Library, Southern Illinois University Carbondale.

FEIBLEMAN, James. [Carta] nov. 1944 para VERISSIMO, Erico. James K. Feibleman papers, 1929-1975, Box 96, Special Collections Research Center, Morris Library, Southern Illinois University Carbondale.

FEIBLEMAN, James. [Carta] 13 jan. 1947 para VERISSIMO, Erico. James K. Feibleman papers, 1929-1975, Box 96, Special Collections Research Center, Morris Library, Southern Illinois University Carbondale.

FEIBLEMAN, James. [Carta] 30 jun. 1948 para VERISSIMO, Erico. James K. Feibleman papers, 1929-1975, Box 96, Special Collections Research Center, Morris Library, Southern Illinois University Carbondale.

FEIBLEMAN, James. [Carta] 15 fev. 1949 para VERISSIMO, Erico. James K. Feibleman papers, 1929-1975, Box 96, Special Collections Research Center, Morris Library, Southern Illinois University Carbondale.

FEIBLEMAN, James. [Carta] 3 fev. 1950 para VERISSIMO, Erico. James K. Feibleman papers, 1929-1975, Box 96, Special Collections Research Center, Morris Library, Southern Illinois University Carbondale.

FEIBLEMAN, James. *The way of a man: an autobiography of James K. Feibleman*. New York: Horizon Press, 1969.

MOSER, Gerald. "Erico Verissimo and the United States". *Hispania*, v. 59, n. 2, p. 345-347, maio 1976.

SARTRE, J. Paul. *O que é a literatura?* São Paulo: Ática, 2004.

SIRINELLI, Jean-François. "Le hasard ou la nécessité? Une histoire en chantier: L'histoire des intellectuels". *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, n. 9, p. 97-108, jan.-mar., 1986.

SMITH, Sidonie; WATSON, Julia. "The Afterlives of Those Who Write Themselves: Rethinking Autobiographical Archives". *The European Journal of Life Writing*, v.l. n. IX, p. 9-32, 2020. <https://doi.org/10.21827/ejlw.9.37323>

VERISSIMO, Erico. [Carta] 29 maio 1941, Porto Alegre para FEIBLEMAN, James. James K. Feibleman papers, 1929-1975, Box 96, Special Collections Research Center, Morris Library, Southern Illinois University Carbondale.

VERISSIMO, Erico. [Carta] 4 dez. 1941, Porto Alegre para FEIBLEMAN, James. James K. Feibleman papers, 1929-1975, Box 96, Special Collections Research Center, Morris Library, Southern Illinois University Carbondale.

VERISSIMO, Erico. [Carta] 27 jan. 1943, Porto Alegre para FEIBLEMAN, James. James K. Feibleman papers, 1929-1975, Box 96, Special Collections Research Center, Morris Library, Southern Illinois University Carbondale.

VERISSIMO, Erico. [Carta] 30 nov. 1943, São Francisco para FEIBLEMAN, James. James K. Feibleman papers, 1929-1975, Box 96, Special Collections Research Center, Morris Library, Southern Illinois University Carbondale.

VERISSIMO, Erico. [Carta] 20 jan. 1944, São Francisco para FEIBLEMAN, James. James K. Feibleman papers, 1929-1975, Box 96, Special Collections Research Center, Morris Library, Southern Illinois University Carbondale.

VERISSIMO, Erico. [Carta] 18 nov. 1944, Los Angeles para FEIBLEMAN, James. James K. Feibleman papers, 1929-1975, Box 96, Special Collections Research Center, Morris Library, Southern Illinois University Carbondale.

VERISSIMO, Erico. [Carta] 20 fev. 1945, Los Angeles para FEIBLEMAN, James. James K. Feibleman papers, 1929-1975, Box 96, Special Collections Research Center, Morris Library, Southern Illinois University Carbondale.

VERISSIMO, Erico. [Carta] 20 dez. 1946, Porto Alegre para FEIBLEMAN, James. James K. Feibleman papers, 1929-1975, Box 96, Special Collections Research Center, Morris Library, Southern Illinois University Carbondale.

VERISSIMO, Erico. [Carta] 30 dez. 1947, Porto Alegre para FEIBLEMAN, James. James K. Feibleman papers, 1929-1975, Box 96, Special Collections Research Center, Morris Library, Southern Illinois University Carbondale.

VERISSIMO, Erico. [Carta] 18 jun. 1948, Porto Alegre para FEIBLEMAN, James. James K. Feibleman papers, 1929-1975, Box 96, Special Collections Research Center, Morris Library, Southern Illinois University Carbondale.

VERISSIMO, Erico. [Carta] 12 nov. 1948 para FEIBLEMAN, James. James K. Feibleman papers, 1929-1975, Box 96, Special Collections Research Center, Morris Library, Southern Illinois University Carbondale.

VERISSIMO, Erico. [Carta] 16 maio 1949 para FEIBLEMAN, James. James K. Feibleman papers, 1929-1975, Box 96, Special Collections Research Center, Morris Library, Southern Illinois University Carbondale.

VERISSIMO, Erico. [Carta], 13 jan. 1950, Porto Alegre para FEIBLEMAN, James. James K. Feibleman papers, 1929-1975, Box 96, Special Collections Research Center, Morris Library, Southern Illinois University Carbondale.

VERISSIMO, Erico. [Carta] 3 abr. 1951, Porto Alegre para FEIBLEMAN, James. James K. Feibleman papers, 1929-1975, Box 96, Special Collections Research Center, Morris Library, Southern Illinois University Carbondale.

VERISSIMO, Erico. [Carta] 24 set. 1959, Arlington para DOS PASSOS, John. John Dos Passos Papers, 1865-1999, BOX 10, Accession #5950, Special Collections, University of Virginia Library, Charlottesville, Virginia., EUA

VERISSIMO, Erico. *Clarissa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

VERISSIMO, Erico. *Gato Preto em campo de neve*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

VERISSIMO, Erico. *O continente*. São Paulo: Companhia da Letras, 2004. v.1.

VERISSIMO, Erico. *O prisioneiro*. Porto Alegre: Globo, 1970.

WATT, Ian. *A ascensão do romance*: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Carlos Cortez Minchillo é professor associado no Departamento de Espanhol e Português do Dartmouth College (EUA). É autor de *Erico Verissimo, Escritor do Mundo* (Edusp, 2015) onde estuda como os contextos diplomáticos e políticos do Pan-Americanismo em torno da Segunda Guerra Mundial afetaram o campo da literatura brasileira e o fluxo internacional da literatura brasileira em tradução nesse período. Atualmente, está desenvolvendo pesquisa sobre os intercâmbios intelectuais interamericanos durante a Guerra Fria e de como eles foram mediados por agências internacionais, partidos políticos e órgãos oficiais. carlos.cortez.micnhillo@dartmouth.edu

Artigo recebido em 09/12/2025. Aprovado em 11/12/2025.